



COMUNIDADES EM MOVIMENTO

BOLETIM INFORMATIVO DAS PARÓQUIAS DE SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS E SÃO JULIÃO DE FRIELAS

Director: Pe. Fr. Agostinho Marques de Castro, O. Carm. Ano XVII - III Série N.º 173 - Novembro 2016

EDITORIAL

Estimados Leitores. A Diocese de Lisboa está na fase final do Sínodo Diocesano. Em breve, ser-nos-á pedido que concretizemos as orientações que nos chegarão das conclusões desse Sínodo. Para que, desde já, todos nos responsabilizemos por esta missão, deixo aqui este texto, de autor anónimo que faz refletir.

Era uma vez, quatro pessoas que se chamavam: ALGUÉM, NINGUÉM, TODO MUNDO e QUALQUER UM.

Havia um grande trabalho a ser feito e TODO MUNDO acreditava que ALGUÉM iria executá-lo.

QUALQUER UM poderia fazê-lo, mas NINGUÉM o fez. ALGUÉM ficou aborrecido, porque entendia que sua execução era responsabilidade de TODO O MUNDO.

Por sua vez TODO MUNDO pensou que QUALQUER UM poderia ter executado, mas NINGUÉM o fez MORAL DA HISTÓRIA...

"TODO O MUNDO sempre culpa ALGUÉM quando

NINGUÉM faz, o que QUALQUER UM poderia ter feito".

Santo Advento!



300 anos PATRIARCADO DE LISBOA

ENTREVISTA DO CARDEAL PATRIARCA D. MANUEL CLEMENTE AO *DIÁRIO DE NOTÍCIAS* (EXCERTOS)

O patriarca de Lisboa foi um título criado por bula de Clemente XI faz hoje (7 de Novembro) 300 anos. É mérito de D. João V, que graças ao ouro do Brasil pôde montar a armada que várias vezes foi em socorro do Papa contra os turcos. Mas também reconhece o papel das Descobertas na propagação do catolicismo. Entrevista ao atual cardeal-patriarca de Lisboa, D. Manuel Clemente.

À VOLTA DA CRIAÇÃO DO PATRIARCADO DE LISBOA, A 7 DE NOVEMBRO DE 1716, DE QUE COMEMORAMOS HOJE OS 300 ANOS, TEMOS D. JOÃO V A AJUDAR O PAPA CONTRA OS TURCOS, TEMOS TAMBÉM D. JOÃO V A ENVIAR UMA GRANDE EMBAIXADA A ROMA. O PORTUGAL DO INÍCIO DO SÉCULO XVIII ERA MUITO, MUITO IMPORTANTE PARA CRISTANDADE?

Era muito importante, porque não nos podemos esquecer de que não se confinava aqui, ao território europeu. Era muito importante porque se projetava no Atlântico Sul, sobretudo no Brasil, embora tivesse também presença na costa africana e no Oriente. E, além daquilo que era o território politicamente ligado a Portugal, havia o chamado Padroado do Oriente que eram territórios cuja evangelização estava confiada, por papas do século XV, aos reis de Portugal; e que eles iam exercendo conforme dispusessem ou não de missionários e também vencessem uma certa concorrência que outras iniciativas missionárias partidas da Europa desenvolviam. E isto leva-nos à famosa embaixada de D. João V. Essa embaixada já tinha chegado a Roma, chefiada pelo marquês de Fontes, para resolver problemas precisamente ligados ao Padroado do Oriente, mas também, digamos, para a nobilitação da capela real aqui do Paço da Ribeira. Com tudo isto, há o problema do avanço turco pelo Mediterrâneo, sobretudo no Adriático, e que punha em causa a sobrevivência da república de Veneza. E o Papa Clemente XI pede aos príncipes cristãos para ajudarem a aliviar aquele cerco turco. Acontece que boa parte não estava disponível. Havia as sequelas ainda da Guerra da Sucessão de Espanha.

(continua na página seguinte)

300 ANOS DE PATRIARCADO DE LISBOA

ENTREVISTA DO CARDEAL PATRIARCA D. MANUEL CLEMENTE AO *DIÁRIO DE NOTÍCIAS* (CONTINUAÇÃO)

OU SEJA, AS GRANDES POTÊNCIAS CATÓLICAS, COMO A ESPANHA, A FRANÇA E A ÁUSTRIA, FALHARAM.

Não corresponderam. Correspondeu D. João V. E, efetivamente, uma armada portuguesa aliviou essa pressão turca no Adriático e isso foi decisivo para que, enfim, em 1716 as coisas se resolvessem depressa.

SENDO QUE ESSAS BATALHAS FORAM PRÉVIAS À CÉLEBRE BATALHA DE MATAPÃO. ESSA JÁ É DEPOIS DO PATRIARCADO, MAS FICOU MAIS FAMOSA NA HISTÓRIA PORQUÊ?

Ficou porque foi decisiva para estancar de vez no mar o avanço turco, do Império Otomano. Porque, como nós sabemos, ele continuou na parte continental da Europa ainda durante bastante tempo.

A FORMA COMO D. JOÃO V ENVIA A FROTA PARA O CABO MATAPÃO É JÁ UMA OBRIGAÇÃO MORAL POR TER GANHO O PATRIARCADO?

Vinha na sequência da sua política de presença no Mediterrâneo para deter o avanço marítimo do Império Otomano. Mas não posso dizer que seja, enfim, como que um prémio por aquilo que recebeu, até porque ele vai receber mais benesses para Lisboa ao longo dos anos seguintes. Depois conseguirá que o patriarca de Lisboa também seja cardeal. Enfim! Tudo aquilo era política de corte no sentido de prestigiar Lisboa e, por isso, também todas aquelas atribuições honoríficas e litúrgicas ou paralitúrgicas e ornamentais que ele consegue para a sua capela real transformada em basílica patriarcal - um título que na Igreja latina só Veneza é que partilha com Lisboa.

POR EXEMPLO, QUANDO UM PATRIARCA DE LISBOA ENTRA NUM CONCLAVE PAPAL TEM UM ESTATUTO DIFERENTE DOS OUTROS CARDEAIS?

Não. Não. Mas entre os que são bispos, neste momento, apenas há um que é cardeal, que é o de Lisboa, porque o atual patriarca de Veneza não é cardeal. Mas, enfim, se estivéssemos a ir, precederíamos, nos assentos, os que não são patriarcas. Entre os bispos, claro.

OS PATRIARCAS TÊM PRECEDÊNCIA?

Atribuída. Mas é puramente honorífico, não é? *[Ri-se]*

MAS É UMA GRANDE HONRA.

[Ri-se] Não, é uma lembrança de outras coisas. E aquilo que nós lembramos mais - e isso, sim - agora, neste tricentenário, é que quando o Papa Clemente XI, na sua bula de 7 de novembro de 1716, eleva a capela real a basílica patriarcal e passa a haver esta qualificação patriarcal atribuída a Lisboa, lembra como motivo *o empenho dos reis de Portugal na propagação da fé*.

DEIXE-ME SÓ VOLTAR UM POUCO AOS DESCOBRIMENTOS. QUEM VISITA, POR EXEMPLO, A ÍNDIA ENCONTRA HOJE PERTO DE 30 MILHÕES DE CRISTÃOS. E ELES CHAMAM-SE DIAS, SOUZA, MASCARENHAS, FERNANDES. É IMPOSSÍVEL FAZER A HISTÓRIA DA IGREJA CATÓLICA SEM ASSOCIAR A PORTUGAL?

A sua projeção global a partir do século XV, sem dúvida nenhuma, está profundamente ligada à presença portuguesa no mundo. Porque aquilo que o próprio Camões, depois quando escreve *Os Lusíadas*, vai dizer, que "foram dilatando a fé, o império", era assim também que eles o sentiam, realmente. Porque para um português do século XVI - agora recuando dois séculos em relação a D. João V -, o ser português e ser católico era praticamente a mesma coisa. Até porque desde o final do século XV só podia haver católicos em Portugal, não é? Mas não era apenas por essa restrição jurídica, era também por sentimento.

O GRANDE LEGADO DE PORTUGAL, EM TERMOS DE IGREJA CATÓLICA NO ORIENTE, É HOJE O QUÊ? OS CRISTÃOS DA ÍNDIA, TIMOR - UM PAÍS MAIORITARIAMENTE CATÓLICO -, TAMBÉM UM POUCO O CRISTIANISMO NO JAPÃO?

Além disso, figuras que foram para o Oriente. Concretamente um, que, não sendo português de nascimento considerava-se português de coração, Francisco Xavier. São Francisco Xavier que, em meados do século XVI, parte daqui para Goa e depois irá até ao Japão e até à costa da China. E muitos outros com ele: João de Brito, no século XVII, na Índia. Ainda hoje, quem for à Índia, a Oriyur, onde foi o local do seu martírio, verá como hoje é lá extremamente venerada a memória de João de Brito..

A IGREJA, QUE AGORA JÁ TEM UMA MAIORIA DE CARDEAIS DE FORA DA EUROPA, JÁ REFLETE ESTA DIVERSIDADE QUE VEIO DAS DESCOBERTAS?

Cada vez mais. Basta dizer: eu sou bispo há 17 anos e de cada vez que vou a Roma - portanto, só há três pontificados, João Paulo II, Bento XVI e agora Francisco - vejo o mundo mais variado em tudo quanto seja serviços centrais da Igreja, participação nas comemorações, colégio dos cardeais.

(Entrevista concedida ao Diário de Notícias)

PAPA FRANCISCO INSTITUI «DIA MUNDIAL DOS POBRES» NA CARTA APOSTÓLICA 'MISERICÓRDIA E MISERA'⁽¹⁾ QUE ENCERRA O ANO DA MISERICÓRDIA

O Papa decidiu instituir um "Dia Mundial dos Pobres" na Igreja Católica, que vai ser celebrado no penúltimo domingo do ano litúrgico, revelou hoje o pontífice numa nova carta apostólica.

A celebração é inspirada no Ano Santo da Misericórdia que se concluiu no dia 20 de Novembro e, particularmente, no 'Jubileu das Pessoas Excluídas Socialmente', que se celebrou no Vaticano a 13 de novembro, dia em que se fecharam as Portas Santas em todas as catedrais e santuários do mundo.

"Intuí que, como mais um sinal concreto deste Ano Santo extraordinário, se deve celebrar em toda a Igreja, na ocorrência do XXXIII Domingo do Tempo Comum, o Dia Mundial dos Pobres", escreve Francisco, na carta apostólica *'Misericórdia e misera'*, com a qual marca o final do Jubileu.

A carta apostólica elogia os "muitos sinais concretos de misericórdia" que foram realizados

durante o último Ano Santo, mas recorda que isso "não basta", perante "novas formas de pobreza espiritual e material, que comprometem a dignidade das pessoas". O Papa recorda os desempregados, os sem-abrigo e sem-terra, as crianças exploradas e todas as situações que exigem uma "cultura de misericórdia" que combata a indiferença e a desconfiança entre seres humanos. "As obras de misericórdia, tocam toda a vida duma pessoa. Por isso, temos possibilidade de criar uma verdadeira revolução cultural precisamente a partir da simplicidade de gestos que podem alcançar o corpo e o espírito, isto é, a vida das pessoas", precisa. (Fonte: *Ecclesia*)

⁽¹⁾ O texto integral desta Carta Apostólica pode ser encontrado em:
http://www.paroquia-sac.web.pt/noticias_190

YOUCATDAY REÚNE MAIS DE 2000 JOVENS NAS RUAS DA BAIXA DA CIDADE DE LISBOA

O setor da catequese do Patriarcado de Lisboa promoveu um encontro para adolescentes e jovens que frequentam a catequese entre o 7º e o 10º ano, reunindo mais de 2000 participantes em atividades sobre a Doutrina Social da Igreja (DSI). O encontro diocesano de adolescentes e jovens que frequentam os últimos três anos da catequese, denominado 'YOUCATday', decorreu no sábado, dia 19 de Novembro, nas ruas da baixa da cidade de Lisboa e teve por objetivo sugerir aos participantes os conteúdos do 'DOCAT', o compêndio de temas da DSI na metodologia do

'Youcat', que apresenta conteúdos essenciais do catolicismo em perguntas e respostas.

Para o responsável do setor da catequese da Diocese de Lisboa, Padre Tiago Neto, o 'YOUCATday' permitiu uma "abordagem nova" em torno de 10 catequese, nas diferentes igrejas da Baixa de Lisboa e sobre temas como o trabalho, a economia, a política, o respeito pelo ambiente, a família, e perto de 50 workshops relacionados com a concretização de aspetos da DSI, como a limpeza urbana ou o voluntariado em lojas sociais.

(Fonte: *Ecclesia*)

A NOSSA AGENDA

EM DEZEMBRO

EM COMUM

DIA 1 – Retiro de Catequistas na *Casa do Gaiato*
Assembleia Sinodal no *Turcifal*
(1 a 4 de Dezembro)

DIA 5 – Oração pelos Voluntários na *Casa do Gaiato*
(21h00)

DIA 8 – Solenidade da Imaculada Conceição

DIA 13 – Reunião da Vigararia

DIA 13 – Reunião da Equipa da Pastoral Familiar da Vigararia (21h30)

Encerramento do Sínodo Diocesano no *Mosteiro dos Jerónimos*

DIA 22 – Eucaristia dos Padres da Vigararia no *Hospital Beatriz Ângelo* (12h00)

DIA 25 – Solenidade do Natal do Senhor

DIA 30 – Festa da Sagrada Família

SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS

DIA 10 – Aniversário do Agrupamento do CNE – *Festival das Sopas*

DIA 11 – Festa de Natal da Catequese (15h00)

DIA 11 – Reunião do MEV

DIA 16 – Celebração Penitencial

DIA 17 – Presépio Vivo – CNE

DIA 17 – Reunião da Confraria de Nossa Senhora do Carmo

DIA 18 – Bênção das Grávidas e Bênção das Imagens do Menino Jesus (10h15)

SÃO JULIÃO DE FRIELAS

DIA 11 – Festa de Natal da Catequese

DIA 14 – Celebração Penitencial de Advento (19h15)

DIA 17 – Oração Juvenil na igreja de Frielas (21h30)

DIA 18 – Eucaristia da Bênção das Imagens do Menino Jesus

A PROPÓSITO DA EUTANÁSIA: UM TEMA

Quem tem estado atento aos serviços informativos, terá já percebido que, em breve, será lançada uma discussão sobre a questão da Eutanásia. O *"Comunidades em Movimento"* deixa já o seu contributo para esta discussão, transcrevendo uma parte do seguinte parecer do "Instituto de Bioética da Universidade Católica Portuguesa"

MORTE A PEDIDO, EUTANÁSIA, MORTE ASSISTIDA: CONCEITOS DISTINTOS

"Uma petição apresentada à Assembleia da República, depoimentos publicados em jornais, ou opiniões veiculadas pela rádio ou pela televisão, têm contribuído para uma certa crispação e confusão da opinião pública.

Na realidade, ao falar-se de morte assistida e de suicídio assistido está-se a praticar uma grave confusão de conceitos. **MORTE ASSISTIDA** é aquela em que alguém é assistente, companhia e ajuda. Neste sentido, ninguém quer morrer sozinho, mas sim na companhia daquele(s) a quem escolhesse para o(a) acompanhar. Na realidade, o que os proponentes de uma revisão da lei desejam é a **LEGALIZAÇÃO DA EUTANÁSIA**, esta definida como a **MORTE A PEDIDO**, que ocorre quando alguém é morto por outrem após ter dirigido insistente pedido a esta última pessoa (geralmente um profissional de saúde). O **SUICÍDIO ASSISTIDO**, por sua vez, consiste numa ajuda ao suicídio, quando a pessoa solicita a outrem que lhe forneça os meios necessários para se suicidar. Do ponto de vista de conceito e da prática, trata-se da mesma questão: alguém não quer continuar a viver e solicita a outra pessoa que a mate ou lhe dê os meios necessários para conseguir esse fim.

Dizem **OS PROPONENTES** da legalização desta prática que ela se justifica (1) por a pessoa ter o direito a dispor da sua vida e (2) por haver vidas em que o sofrimento e a incapacidade retiram toda a qualidade e dignidade a essa mesma vida. Por isso, doentes incuráveis, em grande sofrimento, lúcidos, deveriam ter o direito de pôr termo à vida com a ajuda de terceiros. **ESTES ARGUMENTOS NÃO SÃO CONSISTENTES**, em primeiro lugar, porque a autonomia assim invocada, enquanto capacidade de dispor da própria vida, nunca é absoluta, antes deve ser entendida como autonomia relacional, modulada e influenciada pelo enquadramento da pessoa no ambiente familiar, social e cultural em que vive. Ninguém é dono de ninguém, nem sequer do próprio corpo, componente do seu eu indissociável de todas as outras. A autonomia, em matéria de cuidados de saúde, nunca é absoluta e, ainda que deva imperar no sentido da autodeterminação, circunscreve-se sempre num âmbito relacional, mediada pelo estabelecimento duma relação

interpessoal.

Quanto ao argumento do **SOFRIMENTO**, este também não resiste à análise crítica. Se é certo que muitas doenças evoluem com dor e sofrimento, também é verdade que a medicina encontrou meios terapêuticos poderosos para afastar esses companheiros da doença. Não obstante, e ainda que possa ser argumentável que haverá sempre uma réstia de sofrimento ao qual a atual ciência não consegue responder, este deverá, no nosso entender, impelir a uma procura de resposta efetiva. Certo é que a medicina atual dispõe de meios para tratar todas as situações dolorosas.

SE A EUTANÁSIA E A AJUDA AO SUICÍDIO FOSSEM LEGALIZADAS, AS CONSEQUÊNCIAS SERIAM DESASTROSAS. É claro que seria necessário mudar radicalmente todo o enquadramento legal, acabando o preceito constitucional de que a vida humana é inviolável. O princípio básico do respeito pela vida, não como valor mas como plataforma sobre a qual assentam todos os valores e direitos, seria irremediavelmente fraturado. O atual enquadramento legal e ético-deontológico das profissões da área da saúde teria de ser completamente revisto já que, pelo menos os códigos deontológicos médicos e de enfermagem advogam a vida e defendem o direito da pessoa doente e, como tal, o dever destes profissionais em promover a dignidade e qualidade de vida da pessoa que padece de doença incurável e/ou se encontra em fase terminal de vida.

Não podemos ignorar, ao discutir esta questão, a experiência entretanto acumulada nos três países em que, há cerca de dez anos, se encontra legalizada a eutanásia – Bélgica, Holanda e Luxemburgo. A primeira constatação é de que apenas nestes três países tal aconteceu; a imensa maioria dos estados do mundo não seguiu o seu exemplo, talvez por se ter verificado que nestes três países o enquadramento legal e a prática evoluíram no sentido de um alargamento e banalização da eutanásia.

Não, a eutanásia não é a solução e a sua legalização teria consequências catastróficas para nós, enquanto indivíduos e cidadãos".

CONVITE PARA A LITURGIA

TEM GOSTO PELO CANTO? Sente que pode partilhar o Dom da Sua Voz na Eucaristia Dominical? **O CORO LAUDATE DOMINUM** (Domingo, 11h30) precisa da sua arte! Quer fazer parte dele? Deixe o seu nome e contacto na secretaria. **OBRIGADO**

ENCERRAMENTO DO ANO JUBILAR DA MISERICÓRDIA

EUCARISTIA - HOMILIA DO PAPA FRANCISCO

SOLENIIDADE DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO REI DO UNIVERSO



A SOLENIIDADE DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO Rei do Universo coroa o ano litúrgico e este Ano Santo da Misericórdia. Na verdade, o Evangelho apresenta a realeza de Jesus no auge da sua obra salvadora e fá-lo duma maneira surpreendente. «O Messias de Deus, o Eleito, (...) o Rei» (Lc 23, 35.37) aparece sem poder nem glória: está na cruz, onde parece mais um vencido do que um vencedor. A sua realeza é paradoxal: o seu trono é a cruz; a sua coroa é de espinhos; não tem um cetro, mas põem-Lhe uma cana na mão; não usa vestidos sumptuosos, mas é privado da própria túnica; não tem anéis brilhantes nos dedos, mas as mãos trespassadas pelos pregos; não possui um tesouro, mas é vendido por trinta moedas.

Verdadeiramente não é deste mundo o reino de Jesus (cf. Jo 18, 36); mas precisamente nele – diz-nos o apóstolo Paulo na segunda leitura – é que encontramos a redenção e o perdão (cf. Col 1, 13-14). Porque a grandeza do seu reino não está na força segundo o mundo, mas no amor de Deus, um amor capaz de alcançar e restaurar todas as coisas. Por este amor, Cristo abaixou-Se até nós, viveu a nossa miséria humana, provou a nossa condição mais ignóbil: a injustiça, a traição, o abandono; experimentou a morte, o sepulcro, a morada dos mortos. Assim Se aventurou o nosso Rei até aos confins do universo, para abraçar e salvar todo o vivente. Não nos condenou, nem sequer nos conquistou, nunca violou a nossa liberdade, mas abriu caminho com o amor humilde, que tudo desculpa, tudo espera, tudo suporta (cf. 1 Cor 13, 7). Unicamente este amor venceu e continua a vencer os nossos grandes adversários: o pecado, a morte, o medo.

Hoje, amados irmãos e irmãs, proclamamos esta vitória singular, pela qual Jesus Se tornou o Rei dos séculos, o Senhor da história: apenas com a onipotência do amor, que é a natureza de Deus, a sua própria vida, e que nunca terá fim (cf. 1 Cor 13, 8). Jubilosamente compartilhamos a beleza de ter Jesus como nosso Rei: o seu domínio de amor transforma o pecado em graça, a morte em ressurreição, o medo em confiança.

Mas seria demasiado pouco crer que Jesus é Rei do universo e centro da história, sem fazê-Lo tornar-Se Senhor da nossa vida: tudo aquilo será vão, se não O acolhermos pessoalmente e se não acolhermos também o seu modo de reinar. Nisto, ajudam-nos os personagens presentes no Evangelho de hoje. Além de Jesus, aparecem três tipos de figuras: o povo que olha, o grupo que está aos pés da cruz e um malfeitor crucificado ao lado de Jesus.

Começamos pelo povo. O Evangelho diz que «permanecia ali, a observar» (Lc 23, 35); ninguém se pronuncia, ninguém se aproxima. O povo permanece longe, a ver o que sucedia. É o mesmo povo que, levado pelas próprias necessidades, se aglomerava à volta de Jesus e, agora, se mantém à distância. Vendo certas circunstâncias da vida ou as nossas expectativas por realizar, podemos também nós ser tentados a manter a distância da realeza de Jesus, não aceitando completamente o escândalo do seu amor humilde, que interpela o nosso eu e o desassossega. Prefere-se ficar à janela, alhear-se, em vez de se avizinhar e fazer-se próximo. Mas o povo santo, que tem Jesus como Rei, é chamado a seguir o seu caminho de amor concreto; a interrogar-se, diariamente, cada um para si: «Que me pede o amor, para onde me impele? Que resposta dou a Jesus com a minha vida?»

Temos depois um segundo grupo, que engloba vários personagens: os chefes do povo, os soldados e um dos malfeitores. Todos eles escarnecem de Jesus, dirigindo-Lhe a mesma provocação: «Salve-Se a Si mesmo» (cf. Lc 23, 35.37.39). É uma tentação pior do que a do povo. Aqui tentam Jesus, como fez o diabo ao início do Evangelho (cf. Lc 4, 1-13), para que renuncie a reinar à maneira de Deus e o faça segundo a lógica do mundo: desça da cruz e derrote os inimigos! Se é Deus, demonstre força e superioridade! Esta tentação é um ataque contra o amor: «Salva-te a ti mesmo» (Lc 23, 37.39); não os outros, mas a ti mesmo. Prevaleça o eu com a sua força, a sua glória, o seu sucesso. É a tentação mais terrível; a primeira e a última do Evangelho. Entretanto Jesus, face a este ataque ao seu próprio modo de ser, não fala, não reage. Não Se defende, não tenta convencer, não há uma apologética da sua realeza. Mas antes continua a amar, perdoa, vive o momento da prova segundo a vontade do Pai, seguro de que o amor dará fruto.

Para acolher a realeza de Jesus, somos chamados a lutar contra esta tentação, a fixar o olhar no Crucificado, para Lhe sermos fiéis cada vez mais. Mas, em vez disso, quantas vezes se procuraram – mesmo entre nós – as seguranças gratificantes oferecidas pelo mundo! Quantas vezes nos sentimos tentados a descer da cruz! A força de atração que tem o poder e o sucesso pareceu um caminho mais fácil e rápido para difundir o Evangelho, esquecendo depressa como atua o reino de Deus. Este Ano da Misericórdia convidou-nos a descobrir novamente o centro, a regressar ao essencial. Este tempo de misericórdia chama-nos a contemplar o verdadeiro rosto do nosso Rei, aquele que brilha na Páscoa, e a descobrir novamente o rosto jovem e belo da Igreja, que brilha quando é acolhedora, livre, fiel, pobre de meios e rica no amor, missionária. A misericórdia, levando-nos ao coração do Evangelho, anima-nos também a renunciar a hábitos e costumes que possam obstaculizar o serviço ao reino de Deus, a encontrar a nossa orientação apenas na realeza perene e humilde de Jesus, e não na acomodação às realidades precárias e aos poderes mutáveis de cada época.

No Evangelho, aparece outra personagem, mais perto de Jesus, o malfetor que O invoca dizendo: «Jesus, lembra-Te de mim, quando estiveres no teu Reino» (Lc 23, 42). Com a simples contemplação de Jesus, ele acreditou no seu Reino. E não se fechou em si mesmo, mas, com os seus erros, os seus pecados e os seus problemas, dirigiu-se a Jesus. Pediu para ser lembrado, e saboreou a misericórdia de Deus: «Hoje estarás comigo no Paraíso» (Lc 23, 43). Deus, logo que Lhe damos tal possibilidade, lembra-Se de nós. Está pronto a apagar completamente e para sempre o pecado, porque a sua memória não é como a nossa:

não regista o mal feito, nem continua a ter em conta as ofensas sofridas. Deus não tem memória do pecado, mas de nós, de cada um de nós, seus filhos amados. E crê que é sempre possível recomeçar, levantar-se.

Peçamos, também nós, o dom desta memória aberta e viva. Peçamos a graça de não fechar jamais as portas da reconciliação e do perdão, mas saber ultrapassar o mal e as divergências, abrindo todas as vias possíveis de esperança. Assim como Deus acredita em nós próprios, infinitamente para além dos nossos méritos, assim também nós somos chamados a infundir esperança e a dar uma oportunidade aos outros. Com efeito, embora se feche a Porta Santa, continua sempre escancarada para nós a verdadeira porta da misericórdia que é o Coração de Cristo. Do lado trespassado do Ressuscitado jorram até ao fim dos tempos a misericórdia, a consolação e a esperança.

Muitos peregrinos atravessaram as Portas Santas e, longe do fragor dos noticiários, saborearam a grande bondade do Senhor. Agradeçamos ao Senhor por isso e recordemo-nos de que fomos investidos em misericórdia para nos revestir de sentimentos de misericórdia, para nos tornarmos, nós também, instrumentos de misericórdia. Prossigamos, juntos, este nosso caminho. Acompanhe-nos Nossa Senhora! Também Ela estava junto da cruz; lá nos deu à luz enquanto terna Mãe da Igreja, que a todos deseja abrigar sob o seu manto. Ao pé da cruz, Ela viu o bom ladrão receber o perdão e tomou o discípulo de Jesus como seu filho. É a Mãe de misericórdia, a quem nos consagramos: cada situação nossa, cada oração nossa, dirigida aos seus olhos misericordiosos, não ficará sem resposta.

